

A MONOTONGAÇÃO DO DITONGO [ej] NO PROJETO  
ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL: UMA ABORDAGEM VARIACIONISTA

Aluiza Alves de Araújo  
Universidade Estadual do Ceará  
aluizazinha@hotmail.com

RESUMO:

Esta investigação trata do comportamento variável do ditongo [ej], à luz da sociolinguística variacionista, nos dados das capitais brasileiras da Região Norte e Sul do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB). A redução do ditongo [ej] é um fenômeno bastante produtivo no português brasileiro atual e teve sua origem ainda no latim vulgar. A amostra analisada é constituída por cinquenta e seis informantes, oriundos de nove capitais do ALiB. O contexto fonológico posterior ao ditongo, principalmente o tepe, é o principal condicionador da regra e a escolaridade é a variável social mais importante. PALAVRAS-CHAVE: ditongo [ej], redução, Atlas Linguístico do Brasil, variação linguística.

ABSTRACT:

This research deals with the variable behavior of the diphthong [ej] in the light of variationist sociolinguistics, the data of the Brazilian capitals of North and South Project Linguistic Atlas of Brazil (ALiB). The reduction of the diphthong [ej] is a phenomenon quite productive in the current Brazilian Portuguese and still had its origins in Vulgar Latin. The sample consists of fifty-six informants from nine capitals ALiB. The phonological context after the diphthong, especially tap, is the main determinant of rule and social education is the most important variable.

KEYWORDS: diphthong [ej], reduction, Linguistic Atlas of Brazil, linguistic variation.

## Introdução

Entende-se por monotongação, ou redução, a passagem de um ditongo a uma só vogal, como ocorre em peixe ~ pexe. Este fenômeno é muito produtivo no português brasileiro e tem sido objeto de estudos de natureza diversa.

Para Coutinho (1976, p. 108), a supressão da semivogal dos ditongos “[...] ascende ao próprio latim vulgar, onde encontramos formas como: *celebs* (*caelebs*), *sepis* (*saeps*), *clostrum* (*claustrum*).” (grifo do autor).

Aborda-se o processo em pauta sob a perspectiva da Teoria Sociolinguística Quantitativa Laboviana, em razão de este modelo privilegiar a análise da linguagem em uso e permitir a sistematização das variações/mudanças linguísticas.

O objetivo deste estudo é descrever a atuação de fatores linguísticos (contexto fonológico seguinte ao ditongo, tamanho da palavra e sonoridade do segmento seguinte ao ditongo) e sociais (sexo, faixa etária, escolaridade e localidade) na regra de monotongação do ditongo [ej]. Para tanto, foi utilizada uma amostra constituída por 56 informantes, oriundos de 9 capitais do projeto Atlas Linguístico do Brasil, especificamente as da Região Norte (Manaus, Belém, Macapá, Boa Vista, Porto Velho e Rio Branco) e Sul (Florianópolis, Santa Catarina e Porto Alegre),

Este trabalho é constituído pelas seguintes partes: esta introdução; a revisão da literatura sobre o fenômeno estudado no português brasileiro, destacando-se os estudos variacionistas da Região Norte e Sul do país; a metodologia, que descreve a amostra, o perfil dos informantes, a coleta de dados e o método de análise estatística; a análise, apresentando os resultados obtidos e a sua interpretação; as considerações finais; e, por fim, as referências utilizadas nesta investigação.

### 1. A monotongação do ditongo [ej] nos estudos variacionistas do Brasil.

Sabe-se que, sob a perspectiva variacionista, a monotongação do ditongo [ej] no português falado do Brasil tem sido estudada em diferentes regiões do país, como comprovam os estudos de Veado (1983), para Minas Gerais; Meneghini (1983), para o Rio Grande do Sul; Mota (1986), para Sergipe; Ribeiro (1990), para o Paraná; Bisol (1994), para Porto Alegre; Coelho e Naumann (1994), para Santa Catarina, Paraná e Rio Grande do Sul; Paiva (1996), para o Rio de Janeiro; Cabreira (1996), para Santa Catarina, Paraná e Rio Grande do Sul; Silva (1997), para o Rio de Janeiro; Araújo (1997), para o Maranhão;

Araújo (2000), para o Ceará; Lopes (2002), para o Pará; Farias e Oliveira (2003), para o Pará; Silva (2004), para a Paraíba; Pereira (2004), para Santa Catarina; Amaral (2005), para o Rio Grande do Sul; Carvalho (2007), para Recife; Farias (2008), para o Pará; Brescancini (2010), para Santa Catarina; Santos e Chaves (2010), para o Acre; e Toledo (2011), para o Rio Grande do Sul. No entanto, como o foco de atenção desse trabalho recai sobre o comportamento variável do ditongo [ej] nas Regiões Norte e Sul do país, abordaremos a seguir apenas os trabalhos variacionistas das respectivas regiões, com o intuito de comparar os resultados de cada um com os do presente estudo.

Para a Região Norte do país, foram encontrados 4 trabalhos, todos realizados na primeira década do século XXI. Destes, dois são artigos, Farias e Oliveira (2003) e Santos e Chaves (2010), e os outros dois são dissertações de mestrado, Lopes (2003) e Farias (2008). Estes estudos serão, brevemente, descritos a seguir de acordo com a ordem cronológica, destacando-se apenas os resultados mais importantes para o ditongo [ej].

Lopes (2002) investiga os ditongos [ow] e [ej] no português falado da cidade de Altamira, no Pará. Os informantes, 40 ao todo, foram estratificados segundo o sexo, a escolaridade, a faixa etária e a renda. Cada um foi entrevistado na modalidade narrativa de experiência pessoal por cerca de 30 minutos em média. A amostra faz parte do banco de dados do Projeto ALIPA (Atlas Geo-Sociolinguístico do Estado do Pará)<sup>1</sup>. Com relação ao ditongo [ej], a análise mostrou que, dentre as variáveis linguísticas, foram relevantes à monotongação, por ordem decrescente de importância, a localização do ditongo na estrutura morfológica da palavra (base), o contexto fonético seguinte (o tepe, de aplicação praticamente, categórica e as fricativas palatais [ʃ] e [ç] e a natureza da origem do vocábulo (palavras comuns). Quanto aos condicionamentos sociais, apenas a escolaridade (não-escolarizados) influencia a regra em estudo.

Farias e Oliveira (2003) examinam a redução dos ditongos [ej] e [ow] no Nordeste do Pará, tomando, para análise, dados da fala de 22 informantes

---

1 Segundo Razky (1998), o Projeto ALIPA (Atlas Geo-Sociolinguístico do Estado do Pará) tem a finalidade de elaborar o Atlas geo-sociolinguístico do Pará e estudar a variação linguística desse Estado. Foram selecionados 57 pontos de inquérito, abrangendo as 6 mesorregiões que constituem o Estado do Pará. A metodologia da pesquisa é dividida em área urbana (Belém, Bragança, Cametá e Abaetetuba) e área rural. Os 42 informantes da zona urbana estão estratificados de acordo com o sexo (masculino e feminino), a faixa etária (15 a 25, 26 a 49, +50 anos), a escolaridade (analfabetos, 1º grau completo e 2º grau) e a renda (baixa, média e alta). Na zona rural, de cada município, serão selecionados 2 homens e 2 mulheres, todos alfabetizados até a 4ª série e distribuídos, igualmente, em duas faixas etárias (18 a 30 anos e 40 a 70 anos).

do Projeto ALIPA (Atlas Geo-Sociolinguístico do Estado do Pará). Foram selecionadas 5 cidades (Vigia, Capanema, Bragança, Baião e Cametá) da mesorregião do Nordeste Paraense. De cada localidade, foram extraídos 4 informantes, estratificados, igualmente, de acordo com o sexo e a faixa etária. Os resultados obtidos para o ditongo [ej] evidenciam que o tepe e as fricativas palatais em contexto posterior ao ditongo favorecem o apagamento do glide. A variável extensão da palavra também se mostrou favorecedora (polissílabos), bem como a variável posição do ditongo no item lexical (no meio da palavra). Nenhum fator social é relevante para a aplicação da regra.

Farias (2008) promove estudo acerca do comportamento variável do ditongo [ej] na fala do Pará (Belém, Bragança, Soure e Jacarecanga), partindo de uma amostra constituída por dados extraídos de questionários do ALiB (Atlas Linguístico do Brasil)<sup>2</sup>. Ao todo, foram utilizados 20 informantes, estratificados de acordo com o sexo, a faixa etária, o grau de escolaridade e a localidade. Foram selecionados 8 informantes da capital, Belém, e 4 de cada uma das outras cidades. Verifica-se que a variável mais relevante à redução do ditongo é o segmento seguinte ao ditongo (tepe e oclusiva velar sonora). Também exercem papel importante no condicionamento da regra: o tamanho da palavra (polissílabos e trissílabos, principalmente o primeiro), posição do ditongo no interior da palavra (meio), classe de palavra (adjetivo e substantivo). No que se refere aos fatores sociais, a escolaridade (nível fundamental) e a localidade (Bragança e Soure, principalmente, a primeira) mostraram-se favorecedoras do processo, enquanto o sexo (masculino) e a faixa etária (jovens) apresentaram resultados pouco significativos.

Santos e Chaves (2010) abordam a monotongação dos ditongos [ow] e [ej] no município de Plácido Castro, no Acre. A amostra é constituída por 33 informantes, distribuídos segundo o sexo, a faixa etária e a escolaridade. Com relação ao ditongo [ej], nota-se que o tepe, após o ditongo, é o maior favorecedor da regra e os vocábulos polissílabos também atuam no sentido de condicioná-la. Concluindo, as autoras constataam que o apagamento de [j] é condicionado

---

2 De acordo com Farias (2008), o Projeto ALiB (Atlas Linguístico do Brasil), iniciado em 1996, tem como objetivo principal descrever o português brasileiro, com base em dados de 250 pontos de inquérito que cobrem todo o território nacional. Os informantes são distribuídos, igualmente, de acordo com a faixa etária (18 a 30 anos) e o sexo (masculino e feminino). Quanto à escolaridade, nas capitais, conta-se com 08 informantes (4 com formação superior e 4 apenas com o ensino fundamental) e, nos municípios, com 04, todos com o fundamental. Atualmente, os questionários estão sendo aplicados aos informantes dos municípios brasileiros, selecionados para estudo.

por fatores estruturais e parece não sofrer motivações de ordem social, mas, para que não reste nenhuma dúvida sobre isso, “no futuro há que se pensar em melhorar e ampliar o *corpus* e trabalhar com um registro de fala mais livre.” (SANTOS; CHAVES, 2010, p. 114).

A Região Sul do Brasil é a que concentra o maior número de trabalhos sobre a monotongação do ditongo [ej]. Foram localizados 9 estudos no total, realizados entre o período de 1983 a 2011. Destes, 4 são artigos, Bisol (1994), Coelho e Naumann (1994), Amaral (2005) e Brescancini (2010), e 5 são dissertações de mestrado, Meneghini (1983), Ribeiro, (1990), Cabreira (1996), Pereira (2004) e Toledo (2011). Seguindo a ordem cronológica, estes trabalhos são apresentados, sucintamente, logo a seguir, enfatizando-se os resultados obtidos somente para o ditongo [ej].

Meneghini (1983) examina a realização dos ditongos orais decrescentes no município de Ibiacá, no Rio Grande do Sul. Todos os informantes tinham grau de escolaridade equivalente ao primeiro grau, concluído ou não, e foram estratificados em função do sexo, da faixa etária, da escolaridade e do local de moradia (zona urbana ou zona rural). Os dados, obtidos por meio de um questionário, mostram que somente os ditongos [aj], [ej] e [ow] suprimem o glide, por isso a análise se restringe apenas aos três. No tocante ao ditongo [ej], o contexto fonológico posterior (as fricativas palatais, o tepe e a oclusiva velar sonora) e a tonicidade (sílabas átonas) são apontados como fatores linguísticos relevantes à redução do ditongo. As variáveis sociais condicionadoras da regra em análise são o local de moradia (zona rural) e, de maneira tímida, a faixa etária (os mais velhos).

Ribeiro (1990) trata da supressão dos ditongos [aj], [ej] e [ow] na fala da comunidade do Sudoeste do Paraná, representada por seis municípios (Santo Antônio do Sudoeste, Marmeleiro, Renascença, Clevelândia, Chopinzinho e Nova Prata do Iguaçu). Os 22 informantes da amostra, organizados de acordo com o sexo e a faixa etária, pertencem ao ‘Projeto Fontes Culturais para o Ensino’, criado nos anos 1980 com o objetivo de constituir instrumento para a reformulação dos currículos escolares. Neste estudo, a autora não separa os dados dos ditongos [aj] e [ej], formulando uma só análise para ambos. Por isso, os resultados apresentados aqui se referem aos dois ditongos. Com relação aos condicionamentos linguísticos, o apagamento do glide [j] é beneficiado pelas seguintes variáveis: contexto fonológico posterior (tepe e palato-alveolares), a tonicidade (sílabas átonas), a classe do vocábulo (substantivos e adjetivos), o tamanho da palavra (trissílabos e polissílabos). Nenhum fator social interferiu na supressão de [j].

Bisol (1994) estuda o comportamento do ditongo [ej], com base em uma amostra constituída por 7 informantes de Porto Alegre. Em seu trabalho, não se encontram informações sobre a constituição da amostra, porque parece que o objetivo da autora não era o de empreender uma análise quantitativa na variedade local, mas sim o de discutir sobre a origem do glide diante da alveopalatal surda [ʃ]. A única variável analisada é o contexto seguinte que apresenta o tepe e a palatal como os únicos segmentos favorecedores do apagamento do glide. A ausência do glide, por ser quase categórica diante destes segmentos, faz com que a autora defenda a tese de que, nestes contextos, o ditongo apresente apenas uma vogal na forma subjacente, configurando o falso ditongo. Já “o verdadeiro ditongo possui duas vogais na subjacência” (BISOL, 1994, p. 125), manifestando-se sempre na fala. A autora exclui o contexto da vibrante simples e volta sua atenção apenas para o ditongo diante de palatal, defendendo a hipótese, segundo a qual os ditongos do tipo luz~luiz e caixa~caxa não existem na estrutura profunda, pois, na realidade, são resultado de um processo de assimilação. Nesta análise, demonstra-se que tanto a inserção do glide quanto o seu apagamento constituem um processo que ocorre variavelmente na estrutura de superfície, por derivar da expansão de traços secundários da consoante.

Coelho e Naumann (1994) investigam a realização do ditongo [ej] nas capitais do Sul (Curitiba - PR, Florianópolis - SC e Porto Alegre - RS), a partir de 36 informantes do Projeto VARSUL (Variação Linguística Urbana do Sul do País)<sup>3</sup>, sendo 12 de cada localidade. A natureza do segmento seguinte ([r] e [ʃ]) e a extensão da palavra (trissílabos) foram os únicos condicionamentos linguísticos relevantes. Dentre as variáveis sociais, foram selecionadas: a região geográfica, a faixa etária e a escolaridade. No que diz respeito ao primeiro fator, Florianópolis é a capital do Sul mais favorável à redução do ditongo, enquanto Curitiba mostra-se uma discreta aliada e Porto Alegre inibe o seu emprego. Quanto ao segundo, os informantes com menos de 50 anos beneficiam a mono-

---

3 Segundo Collischon e Monaretto (2012), o projeto VARSUL (Variação Linguística Urbana do Sul do País), que teve início em 1990, apresenta amostras de fala representativas das principais etnias dos três Estados da região Sul (Rio Grande do Sul: Porto Alegre, Flores da Cunha, Panambi e São Borja; Santa Catarina: Florianópolis, Blumenau, Chapecó e Lages; Paraná: Curitiba, Londrina, Irati e Pato Branco). Os informantes estão organizados em função da escolaridade (primário – até 4 anos, ginásio – até 8 anos e 2º grau – até 11 anos), da faixa etária (25 a 50 anos e mais de 50 anos) e do sexo (masculino e feminino). Em cada localidade, foram realizadas 24 entrevistas, totalizando 96 por Estado. Posteriormente, outras localidades foram incorporadas ao banco de dados.

tongação, ao contrário dos que possuem acima disso. E, com relação ao último, os falantes do <sup>4</sup>colegial, os mais escolarizados, empregam menos a variante monotongada, enquanto os do ginásio e do primário, os menos escolarizados, empregam mais a redução do ditongo. As autoras concluem que a supressão de [j] é um processo fonético determinado pela natureza do segmento seguinte.

Cabreira (1996) analisa uma amostra também constituída por 36 informantes do Projeto VARSUL, com o intuito de estudar a monotongação dos ditongos decrescentes nas capitais do Sul, Curitiba- PR, Florianópolis- SC e Porto Alegre- RS. Desses ditongos, apenas três sofrem redução: [aj], [ej] e [ow] e, por isso, apenas esses são analisados. Seu estudo mostra que a semivogal [j] dos ditongos [aj] e [ej] só é suprimida quando seguida por fricativa palato-alveolar ou tepe. Diante desse último segmento, a regra de monotongação é quase categórica. Em face disso, o autor realiza duas análises: uma para os ditongos [ej] e [aj] seguidos por [ʃ] e [ʒ] e outra somente para o ditongo [ej] seguido por [r]. Na primeira análise, a posição do elemento seguinte (heterossilábico<sup>5</sup>), a escolaridade (primário), a sonoridade do elemento seguinte ([ʃ]), o sexo (feminino) e a variedade geográfica (Florianópolis) são os fatores condicionadores da regra em análise. Na segunda, os fatores relevantes ao apagamento de [j] são: a natureza morfológica (radical), o grau de escolaridade (primário), o sexo (feminino) e a variedade geográfica (Curitiba). Como os ditongos [ej] e [aj] foram analisados conjuntamente e tratados em diferentes ambientes linguísticos, não se pode afirmar, com absoluta certeza, que as variáveis selecionadas são realmente diferentes para cada ditongo. Porém, pode-se dizer que a pouca escolaridade (primário) e o sexo feminino são muito significativos para a monotongação, já que, em ambas as análises, contribuem com o fenômeno.

Pereira (2004) trata da monotongação dos ditongos [aj], [ej] e [ow] em Tubarão - SC, com base em 4 *corpora*, sendo um de língua escrita (textos escritos por alunos de Tubarão, pertencentes à 1ª série do ensino fundamental) e os outros três de língua falada. Dentre estes, tem-se: i) um composto por textos orais de duas telenovelas, Coração de Estudante e Mulheres Apaixonadas, da Rede Globo; ii) um constituído por textos orais de publicidade da programação da Globo; iii) um constituído por 14 entrevistas de tubaronenses, estratificados

---

4 Adotou-se aqui a mesma nomenclatura encontrada no texto original. O mesmo foi feito nos demais trabalhos apresentados. O ensino primário equivale a 4 anos de estudo; o ginásio a 8 anos e o colegial a 11 anos.

5 Conforme o autor, o segmento seguinte ao ditongo pode se encontrar na mesma sílaba que o ditongo (tautossilábico), como na palavra ‘leis’, ou na sílaba seguinte (heterossilábico), como na palavra ‘peixe’.



de acordo com o sexo, a faixa etária e a escolaridade, pertencentes ao banco de dados do Projeto PROCOTEXTOS da UNISUL. A análise deste último *corpus* apresentou o contexto fonético seguinte (palatal e tepe) como o único favorecedor da realização monotongada do ditongo [ej] e revelou também que nenhum fator social condiciona a regra.

Utilizando-se dados da fala de 42 informantes do VARSUL, Amaral (2005) aborda a redução do ditongo [ej] em três cidades do Rio Grande do Sul, São Borja, Panambi e Flores da Cunha. Neste estudo, são apontadas, como relevantes à aplicação da regra, as variáveis estruturais: contexto fonológico seguinte (fricativa palato-alveolar e o tepe), tonicidade (sílabas átonas) e classe de palavra (formas não-verbais). A única variável social relevante foi a faixa etária (25 a 50 anos), indicando que os mais jovens usam mais a regra do que os mais velhos (mais de 50 anos).

Com base em uma amostra constituída por 48 informantes do VARSUL, Brescancini (2010) investiga, em Florianópolis - RS, a redução dos ditongos decrescentes seguidos por fricativa em coda, como nos itens *mais*, *depois* e *seis*. Na análise, o papel morfológico do /S/ (flexão verbal) e o sexo (feminino) mostraram-se variáveis relevantes à supressão dos ditongos. Em suas conclusões, a autora afirma que este fenômeno “caracteriza-se como um processo condicionado lexicalmente, mas que ainda apresenta resquícios de condicionamento estrutural, especificamente o de cunho morfológico” (BRES-CANCINI, 2010, p. 44).

Toledo (2011) analisa a regra de monotongação de [ej] na fala da cidade de Porto Alegre - RS. Para isso, seleciona 14 informantes do banco de dados do Projeto NURC<sup>6</sup> (Projeto de Estudo da Norma Linguística Urbana Culta), entrevistados nos anos de 1970 e recontatados no final de 1990 pelo Projeto VARSUL. Ao todo, então, são analisadas 28 entrevistas. Nessa investigação, o contexto fonológico seguinte (fricativa palatal e tepe) constitui-se no principal motivador da redução do ditongo. Além dessa variável, a natureza morfológica (radical) e a classe de palavra (não verbos) também condicionam a supressão

---

6 Segundo Toledo (2011), o projeto Norma Linguística Urbana Culta (NURC) começou em 1969 e foi desenvolvido em cinco capitais brasileiras, Porto Alegre, São Paulo, Rio de Janeiro, Recife e Salvador, objetivando descrever o falar culto brasileiro. O *corpus*, constituído, integralmente, por informantes com nível superior completo, encontra-se estratificado em função das variáveis: monitoramento estilístico (Diálogo entre Dois Informantes, Diálogo entre Informante e Documentador e Elocução Formal), faixa etária (22-35 anos, 36-55 anos e 56 anos ou mais) e sexo (masculino e feminino).



do glide. Nenhum fator social favorece a regra. Comparando os dados das duas amostras, NURC e VARSUL, a autora constata que a redução de [ej] é “um fenômeno estável de variação, sem indício de mudança em progresso.” (TOLEDO, 2011, p. 90).

Estabelecendo um confronto entre os resultados dos estudos abordados aqui, observa-se, no tocante às variáveis linguísticas, o seguinte:

i) a variável contexto fonológico subsequente (o tepe e as fricativas palatais) é selecionada entre os principais condicionadores da monotongação em todos os trabalhos analisados, excetuando-se apenas o de Brescancini (2010) que estuda a redução dos ditongos decrescentes em contexto restrito, isto é, diante de fricativa em coda e, em razão disso, apresenta resultados divergentes dos demais trabalhos.

ii) a localização do ditongo na estrutura morfológica (o radical) é uma variável relevante nos estudos de Cabreira (1996), Lopes (2002), e Toledo (2011).

iii) a posição do ditongo no interior da palavra (meio de palavra) é uma variável importante nas investigações de Farias e Oliveira (2003) e Farias (2008).

iv) o tamanho da palavra, após o contexto fonológico seguinte, é a variável relevante mais recorrente nos trabalhos analisados, como atestam Ribeiro (1990), Coelho e Naumann (1994), Farias e Oliveira (2003), Farias (2008) e Santos e Chaves (2010). Estes estudos mostram que quanto maior o tamanho da palavra, maior a supressão do glide.

v) a variável classe de palavra (formas não verbais) surge como uma variável relevante nas pesquisas de Ribeiro (1990), Amaral (2005), Farias (2008) e Toledo (2011).

vi) a tonicidade (sílabas átonas) é uma variável relevante nos trabalhos de Ribeiro (1990), Meneghini (1993) e Amaral (2005).

vii) a posição do elemento seguinte (heterossilábico) e a sonoridade do elemento seguinte (fricativa alveopalatal desvozeada) são variáveis relevantes no estudo de Cabreira (1996).

viii) a variável natureza da origem do vocábulo (palavras comuns) aparece como uma variável relevante no trabalho de Lopes (2002).

Com relação às variáveis sociais, os estudos analisados revelaram que:

i) a escolaridade foi selecionada nos estudos de Coelho e Naumann (1994), Cabreira (1996), Lopes (2002) e Farias (2008). Estes trabalhos revelaram que quanto maior a escolaridade do informante menor a monotongação.

ii) a faixa etária é selecionada nos estudos de Farias (2008), Meneghini (1983), Coelho e Naumann (1994) e Amaral (2005), sendo que, para os dois primeiros, os resultados não são muito significativos. Farias (2008), Coelho

e Naumann (1994) e Amaral (2005) mostram que os mais novos favorecem a monotongação, diferentemente dos mais velhos, ao passo que Meneghini (1983) comprova o contrário.

iii) a variedade geográfica é selecionada nos trabalhos de Coelho e Naumann (1994), Cabreira (1986), Farias (2008) e Meneghini (1983). O primeiro estudo apresenta a cidade de Florianópolis como a sua mais forte aliada ao cancelamento do glide e Curitiba aparece, embora discretamente, favorável ao fenômeno. O segundo revela que Florianópolis e Curitiba favorecem a redução. O terceiro coloca Bragança na posição de maior aliada do processo e o último destaca o favorecimento da regra na zona rural de Ibiacá.

iv) a variável sexo é selecionada em Farias (2008), de forma muito tímida, apresentando os homens como aliados da redução, e também em Cabreira (1996) e Brescancini (2010), onde as mulheres aparecem como aliadas do processo.

v) os estudos de Farias e Oliveira (2003), Santos e Chaves (2010), Ribeiro (1990), Pereira (2004) e Toledo (2011) não selecionaram nenhuma variável social.

Pelo exposto até aqui, pode-se tecer alguns comentários sobre a redução do ditongo [ej] nos trabalhos desenvolvidos nas regiões Norte e Sul do território brasileiro. Foram registradas variáveis linguísticas e sociais, agindo sobre a monotongação em vários dialetos, porém não se encontrou um mesmo conjunto de variáveis atuando sobre a regra em mais de uma variedade linguística. Independentemente da região, o tepe e as fricativas palatais a frente do ditongo constituem os principais motivadores do apagamento do glide [j]. Assim, o processo é fortemente regido por uma variável fonológica, embora também seja condicionado por fatores morfológicos, como classe de palavra e natureza morfológica. Quando a escolaridade é selecionada como fator relevante, ocorre uma correlação entre esta variável e a monotongação, pois quanto menor a escolaridade, maior a redução do ditongo. Dos quatro estudos que selecionaram a variável faixa etária, três apresentaram os mais jovens como aliados do processo e, destes, dois não apresentaram resultados significativos. O fator sexo só foi considerado relevante em três trabalhos, sendo que dois apontam as mulheres como favorecedoras da regra e um indica os homens como aliados do apagamento do glide. Apenas quatro trabalhos controlaram a variedade geográfica e, com base nisso, só se pode afirmar que Florianópolis e Curitiba tendem a favorecer a redução. Assim, não foi encontrada nenhuma relação entre faixa etária e monotongação, bem como não se verificou uma correlação entre a variável sexo e o fenômeno em pauta. Como a única variável social que apresentou uma relação com a regra foi a escolaridade, considera-se que esta variável seja o condicionamento social mais influente sobre o processo.

## **2. Metodologia.**

Todos os 56 informantes que constituem a nossa amostra são provenientes de 09 capitais brasileiras, pertencentes a duas regiões: Norte (Manaus, Belém, Macapá, Boa Vista, Porto Velho, Rio Branco) e Sul (Curitiba, Florianópolis e Porto Alegre).

De cada uma das localidades mencionadas, foram coletados dados de oito informantes. Cada um apresenta as seguintes características: - faixa etária: I - 18 a 30 anos e II- 45 a 60 anos; - sexo: masculino e feminino; - escolaridade: até a 8ª série do fundamental e ensino superior; - origem: nascidos na localidade, de pais também nascidos na localidade.

Do Questionário Fonético-Fonológico (QFF) do ALiB, foram extraídos, para análise, os itens lexicais que apareciam nas respostas a 14 questões, a saber:

- a) questão 03 - prateleira,
- b) questão 08 - travesseiro,
- c) questão 12 - torneira,
- d) questão 24 - peneira,
- e) questão 35 - manteiga,
- f) questão 47 - teia,
- g) questão 50 - peixe,
- h) questão 83 - prefeito,
- i) questão 91 - bandeira,
- j) questão 94 - correio,
- k) questão 100 - companheiro,
- l) questão 117 - peito,
- m) questão 141 - meia e
- n) questão 146 - beijar.

Em alguns casos, o informante respondeu, por solicitação do inquiridor, mais de uma vez à pergunta por haver sobreposição de vozes ou por ter falado de forma inaudível. Consideraram-se respostas válidas apenas a primeira resposta dada pelos informantes por acreditarmos ser a mais natural. Como na aplicação do QFF, o entrevistado está muito atento às respostas dadas ao inquiridor, considera-se que o estilo de fala usado pelo informante é extremamente cuidado.

Os grupos de fatores controlados neste trabalho foram: o contexto fonológico seguinte, o tamanho da palavra, a sonoridade do segmento seguinte, o sexo, a escolaridade, a faixa etária e a localidade.

O GoldvarbX, que “é um conjunto de programas computacionais de análise multivariada, especificamente estruturado para acomodar dados de variação sociolinguística” (GUY e ZILLES, 2007, p. 105), será utilizado para efetuar as análises estatísticas.

### 3. Análise dos dados.

Nesta análise, deve-se esclarecer que foram desconsideradas 10 ocorrências, para a questão de número 47, cuja resposta prevista era teia, porque os informantes, todos com 8 anos de escolaridade, pronunciaram [ˈteʎɐ]. Isso ocorreu em Boa Vista (dois homens, de faixas etárias distintas), Manaus e Rio Branco (um homem e uma mulher, ambos da faixa etária II, para cada localidade), em Macapá (um homem, da faixa I), Curitiba e Florianópolis (uma mulher, da faixa II, para cada localidade), e Porto Alegre (uma mulher, da faixa I).

Na tentativa de realizar a primeira análise estatística, obtiveram-se, ao todo, 956 ocorrências, sendo que, deste universo, 377 (39,4%) eram da variante monotongada e as outras 579 (60,6%) pertenciam à manutenção do ditongo [ej]. No entanto, nesta rodada, quando o contexto fonológico seguinte ao ditongo era preenchido pela oclusiva [t]<sup>7</sup>, não se registrou nenhuma ocorrência da forma monotongada. Por isso, surgiu um nocaute, isto é, a ausência de variação em um fator, impossibilitando a finalização da análise estatística. Decidiu-se, então, excluir todas as ocorrências dessa consoante, eliminando o nocaute.

Após a exclusão mencionada, efetuou-se a segunda rodada que foi concluída, apresentando um total de 825 ocorrências, distribuídas da seguinte forma: 377 (45,7%) para a variante monotongada e 448 (54,3%) para a preservação do ditongo. O *input* desta rodada foi de 0,38, o que significa dizer que a possibilidade de ocorrer o apagamento do glide é muito pequena nos dados da nossa amostra. A análise também revelou  $p = ,01$ , para um nível de significância estabelecido em 5%,  $p < ,05$ . De acordo com essa análise estatística, favorecem a redução do ditongo [ej], por ordem de importância, os fatores: contexto fonológico seguinte, escolaridade, localidade e sexo. A sonoridade do segmento subsequente, a faixa etária e o tamanho da palavra não exercem influência sobre a regra. A seguir, analisaremos os resultados obtidos para os fatores favorecedores do apagamento da semivogal.

---

7 Na nossa amostra, o segmento [t] aparece em dois itens lexicais, peito e prefeito.

a) Contexto fonológico subsequente

Fatores	Aplica/Total	Frequência	Peso relativo	Exemplo
[r]	284/415	68,4	0,80	Prateleira
[g]	39/68	57,4	0,70	Manteiga
[ʃ]	27/72	37,5	0,45	Peixe
[ʒ]	16/68	23,5	0,27	Beijar
Vogais	11/202	5,4	0,05	Meia

Tabela 1: Atuação do contexto fonológico subsequente sobre a monotongação

Segundo a ordem de seleção dos fatores, o contexto fonológico subsequente é o fator mais influente na aplicação da regra. Como mostram os pesos relativos da tabela 1, o tepe é o maior aliado da monotongação. A oclusiva velar [g] também favorece a redução do ditongo. Já as fricativas palatais e as vogais são inibidoras do processo.

Pelos resultados dos trabalhos de Lopes (2002), Farias e Oliveira (2003), Farias (2008), Santos e Chaves (2010), Meneghini (1983), Ribeiro (1990), Bisol (1994), Coelho e Naumann (1994), Cabreira (1996), Pereira (2004), Amaral (2005) e Toledo (2011), já se esperava que o tepe desempenhasse, nesta amostra, um papel altamente favorecedor da regra, mas o que nos causou surpresa foi o comportamento inibidor da monotongação apresentado pelas palatais, pois, com exceção do estudo de Brescancini (2010) e do de Farias (2008), todos os outros apontam as palatais como aliadas da redução do ditongo [ej]. Quanto à oclusiva velar sonora, Farias (2008) e Meneghini (1983) também verificaram o efeito benéfico deste segmento sobre a regra.

Os resultados favorecedores do tepe e da oclusiva velar podem ser explicados com base na distinção que Bisol (1991) estabelece entre ditongos pesados ou verdadeiros e ditongos leves ou falsos. Para a autora, o primeiro tipo possui duas vogais e tende a ser mantido (ex.: pauta ['pawtə]), ao contrário do segundo que ora se manifesta, ora não, e apresenta só uma vogal na estrutura subjacente, surgindo o glide em nível mais próximo à superfície (ex.: feira ['fejrə] ['ferə]).

A análise dos itens lexicais da nossa amostra revela que todas as palavras que, no contexto seguinte ao ditongo, possuem o tepe (prateleira, travesseiro, torneira, bandeira, peneira, companheiro) e a oclusiva velar (manteiga) apre-

sentam falsos ditongos. Assim, na estrutura profunda destas palavras, não temos um ditongo, mas sim um monotongo que ocorre na estrutura de superfície.

No entanto, é preciso relativizar os resultados obtidos para esta variável, porque a amostra analisada, embora englobe todos os itens lexicais do QFF, é constituída apenas por 14 palavras. Dentro desse universo, no contexto seguinte ao ditongo, só há um item lexical, manteiga, que apresenta uma oclusiva velar sonora. A esse respeito, Farias (2008, p.66) afirma: “[...] deve-se, no entanto, usar de cuidado em relação a esse fator, pois a maioria absoluta de ocorrências nesse ambiente foi da palavra *manteiga*, o que pode configurar uma particularidade do item lexical.” (grifo da autora). Nos nossos dados, no contexto de fricativa palatal surda e palatal sonora, também só existem, respectivamente, os itens peixe e beijar, o que não nos permite fazer afirmações contundentes sobre este fator.

#### b) Escolaridade

Fatores	Aplica/Total	Frequência	Peso relativo
8º ano do Fundamental II	240/486	49,4	0,67
Superior Completo	137/470	29,1	0,32

Tabela 2: Atuação da escolaridade sobre a monotongação

De acordo com a ordem hierárquica de seleção dos fatores, a escolaridade é a variável social que exerce maior influência na redução do ditongo [ej]. Os números da tabela 02 mostram que os informantes menos escolarizados são fortes aliados da monotongação, ao contrário dos mais escolarizados, o que também foi observado em todos os trabalhos que selecionaram esta variável, como o de Lopes (2002), Farias (2008), Coelho e Naumann (1994) e Cabreira (1996). Assim, quanto menos tempo o indivíduo permanece na escola, menos se utiliza o ditongo. Este resultado já era esperado por nós, porque se acredita na influência da forma escrita sobre a maior ou menor aplicação da forma monotongada. Defende-se que este é um caso em que não é a prescritividade escolar que está atuando sobre a regra, mas, sim, o fato de que a forma escrita exerce uma pressão muito forte sobre a competência oral do falante usuário da escrita.

#### c) Localidade

Conforme os dados apresentados na tabela 3, nota-se que o fenômeno estudado ocorre em todas as localidades analisadas. Porto Alegre, dentre todas as capitais brasileiras do Norte e do Sul, é a que mais favorece a variante monotongada, sendo seguida, por ordem decrescente de relevância, pelas capitais: Manaus, Florianópolis, Rio Branco e Curitiba.

Fatores	Aplica/Total	Frequência	Peso relativo
Belém	25/95	26,3	0,22
Boa Vista	33/92	35,9	0,35
Porto Velho	39/89	43,8	0,45
Macapá	40/94	42,6	0,47
Rio Branco	46/88	52,3	0,53
Manaus	47/106	44,3	0,61
Curitiba	43/90	47,8	0,52
Florianópolis	47/93	50,5	0,58
Porto Alegre	57/92	62,0	0,75

Tabela 3: Atuação da localidade sobre a monotongação

No Norte do país, Manaus é, praticamente, a única capital que favorece a regra, já que o peso relativo obtido para o Rio Branco não se distancia muito do ponto neutro, revelando apenas um tímido favorecimento.

No Sul, observa-se que todas as cidades favorecem a redução do ditongo, mas Curitiba também apresenta um peso relativo próximo do ponto neutro. Pode-se dizer, então, que o Norte do Brasil apresenta um comportamento mais conservador do que o Sul em relação ao fenômeno em estudo, uma vez que a maior parte de suas capitais privilegia o uso do ditongo, a forma de prestígio.

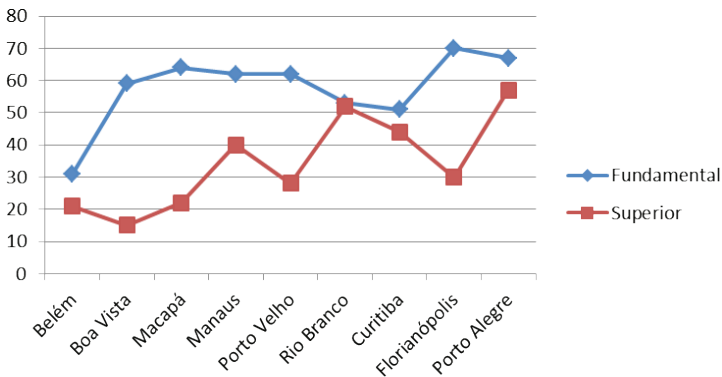
A relevância da variedade geográfica, para o fenômeno em estudo, já tinha sido notada nos trabalhos de Meneghini (1983), Cabreira (1986), Coelho e Naumann (1994) e Farias (2008). Assim, os dados obtidos aqui reforçam a importância desta variável sobre o processo.

Mais abaixo, segue a visualização do resultado do cruzamento entre os grupos de fatores localidade e escolaridade, no gráfico 1. A sua leitura indica que,



em todas as capitais, a frequência de uso da forma monotongada é maior entre os informantes com o ensino fundamental do que entre aqueles que possuem o nível superior completo. Em Rio Branco e Curitiba, as taxas de aplicação da redução do ditongo entre os dois níveis de escolaridade são muito próximas, diferentemente do que acontece em Boa Vista, Macapá e Florianópolis, onde se encontram as maiores diferenças entre as taxas de monotongação de ambos os níveis de escolaridade. No Norte, os menos escolarizados de Macapá apresentam a maior frequência de uso da monotongação e, no Sul, Florianópolis possui o maior índice de aplicação da regra entre os pouco escolarizados. Dentre todas as capitais das duas regiões, os maiores índices de uso do apagamento do glide foram registrados entre os indivíduos de Florianópolis e Porto Alegre com menor escolaridade, enquanto o menor índice se encontra entre os menos escolarizados de Belém. A frequência de uso da aplicação da regra entre os informantes pouco escolarizados é a mesma em Manaus e Porto Velho.

Gráfico 1 - Localidade x escolaridade



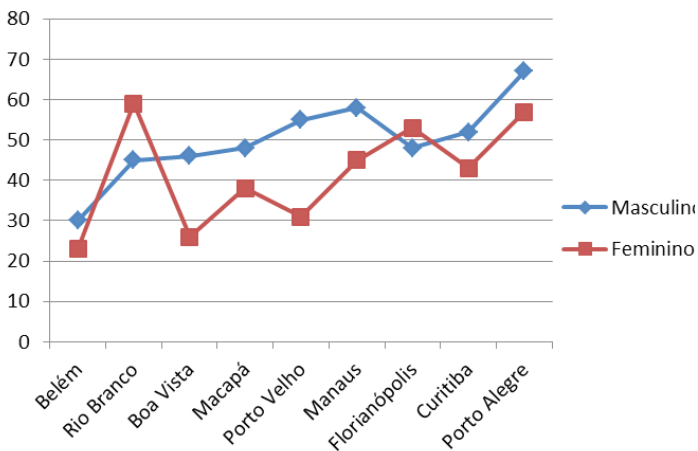
#### d) Sexo

Fatores	Aplica/Total	Frequência	Peso relativo
Masculino	206/413	49,9	0,55
Feminino	171/412	41,5	0,44

Tabela 4: Atuação do sexo sobre a monotongação.

Segundo os dados da tabela 04, os homens, discretamente, prestigiam a variante monotongada, enquanto as mulheres desfavorecem o seu emprego, confirmando os resultados obtidos por Farias (2008). A preferência feminina pela manutenção do ditongo, que é a variante conservadora e de prestígio, indica que as mulheres se preocupam em construir uma imagem associada às formas socialmente valorizadas pela sociedade, confirmando as nossas expectativas.

Gráfico 2 - Localidade x sexo



A leitura do gráfico 2, referente ao cruzamento entre as variáveis sexo e escolaridade, permite afirmar que a variante monotongada é mais empregada pelos homens do que pelas mulheres em Belém, Boa Vista, Macapá, Manaus, Porto Velho, Curitiba e Porto Alegre, mas, em Rio Branco e Florianópolis, as mulheres usam mais a forma monotongada do que os homens. No entanto, é bom frisar que, na capital florianopolitana, as taxas de frequência da redução do ditongo entre os dois sexos apresentam os valores mais próximos. Já, em Porto Velho e Boa Vista, as taxas de aplicação da variante monotongada entre os homens e as mulheres são as mais díspares. No Norte, os homens de Manaus são os que mais usam a monotongação e, no Sul, são os homens de Porto Alegre. Em todas as capitais das duas regiões, a maior frequência de monotongação ocorre entre os homens de Porto Alegre e o seu menor índice é registrado entre as mulheres de Belém.

## Conclusões

Na amostra estudada, o contexto fonológico subsequente, principalmente o tepe, é o principal condicionador da monotongação do ditongo [ej], confirmando os resultados encontrados na revisão da literatura.

Dentre as variáveis sociais selecionadas, a escolaridade é a mais importante para a regra. Constata-se que os menos escolarizados favorecem o processo, ratificando o que, também, se observou na revisão da literatura.

A localidade e o sexo também se mostraram relevantes ao cancelamento do glide. Com relação à primeira variável, Florianópolis e Manaus surgem como aliadas da redução. O segundo grupo de fatores apresenta os homens como aliados do processo.

Os resultados obtidos indicam que a redução do ditongo [ej] é um caso de variação estável, confirmando os resultados de Toledo (2011).

## Referências

- AMARAL, Marisa Porto do. Ditongos variáveis no sul do Brasil. *Letras de Hoje*. Porto Alegre, v. 40, n. 3, p. 101-116, set. 2005.
- ARAÚJO, Aluiza Alves de. *A monotongação na norma culta de Fortaleza*. 2000. 110f. Dissertação (Mestrado em Linguística), UFC, Fortaleza, CE.
- ARAÚJO, Maria Francisca Ribeiro de. *A alternância /ei/ e /e/ no português falado na cidade de Caxias, MA*. 1999. 138 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, Campinas, SP. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000224337>>. Acesso em 6 de fev. 2013.
- BISOL, Leda. Ditongos derivados. *D.E.L.T.A.* São Paulo, vol. 10, n. Especial, p. 123-140, 1994.
- BRESCANCINI, Cláudia Regina. A redução de ditongos decrescentes seguidos por fricativa em coda no açoriano catarinense. In: BISOL, Leda; COLLISCHONN, Gisela. (orgs.). *Português do Sul do Brasil: variação fonológica*. Porto Alegre, RS: EDIPUCRS, 2010, p.31-44.
- CABREIRA, Silvio Henrique. *A monotongação dos ditongos orais decrescentes em Curitiba, Florianópolis e Porto Alegre*. 1996. 115f. Dissertação (Mestrado em Letras (Linguística Aplicada)) - Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, RS.

- CARVALHO, Solange Carlos de. *Estudo variável do apagamento dos ditongos decrescentes orais na fala de Recife*. 2007. 104f. Dissertação (Mestrado em Linguística), UFPE, Pernambuco, RE.
- COELHO, Izete Lehamkuhl; NAUMANN, Isaura Maria Longo. A supressão do [y] no ditongo decrescente [ey] / monotongação. In: ENCONTRO NACIONAL SOBRE LÍNGUA FALADA e ENSINO I. Anais: Maceió, 1994, p. 211-16.
- COLLISCHON, Gisela; MONARETTO, Valéria de Oliveira. Banco de dados VARSUL: a relevância de suas características e a abrangência de seus resultados. *Alfa*. São Paulo, 56 (3), p. 835853, 2012.
- COUTINHO, Ismael de Lima. *Pontos de gramática histórica*. Rio de Janeiro: Livro Técnico, 1976.
- FARIAS, Maria Adelina Rodrigues de. *Distribuição geo-sociolinguística do ditongo <ej> no português falado no estado do Pará*. 2008. 151f. Dissertação (Mestrado em Linguística), UFPA, Belém, PA. Disponível em: <<http://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/2644>>. Acesso em 6 de fevereiro de 2013.
- \_\_\_\_\_. ; OLIVEIRA, Marilucia Barros de. Variação fonética dos ditongos [ej] e [ow] no nordeste do Pará. *Revista Philologus*. Rio de Janeiro: CiFefiL, v. 9, n. 27, p. 188-199, 2003.
- LOPES, Raquel. *A realização variável dos ditongos /ow/ e /ej/ no português falado em Altamira/PA*. 2002. 97 f. Dissertação (Mestrado em Linguística), UFPA, Belém, PA. Disponível em: <[http://www.ufpa.br/alipa/teses\\_mestrado/tese\\_raquel.pdf](http://www.ufpa.br/alipa/teses_mestrado/tese_raquel.pdf)>. Acesso em 6 de fev. de 2013.
- MENEGHINI, Francisco Militão. *O fenômeno da monotongação em Ibiaçá*. 1983. 87f. Dissertação (Mestrado em Linguística), PUCRS, Porto Alegre, RS.
- MOTA, Jacyra Andrade. Variação entre e e ei em Sergipe. *Estudos Linguísticos e Literários*. Salvador: UFBA - IL, v. 5, p. 119-127, 1986.
- PAIVA, Maria da Conceição Auxiliadora de. Supressão das semivogais nos ditongos decrescentes. In: OLIVEIRA E SILVA, Giselle Machline de; SCHERRE, Maria Marta Pereira (orgs.). *Padrões sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1986, p. 219-236.
- PEREIRA, Gersa. *A monotongação dos ditongos <ej>, <ow> e <aj> no português falado em Tubarão (SC). estudo de casos*. 2004. 134f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem), UNISUL, Tubarão, SC. Disponível em: <[http://busca.unisul.br/pdf/73807\\_Gersa.pdf](http://busca.unisul.br/pdf/73807_Gersa.pdf)>. Acesso em 6 de fev. 2013.

- RAZKY, Abdelhak. O Atlas Geo-sociolinguístico do Pará: abordagem metodológica. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade. *A Geolinguística no Brasil: Caminhos e Perspectivas*. Londrina, 1998. pp. 155-164.
- RIBEIRO, Denise Aparecida Sofiati de Barros. *O apagamento dos ditongos decrescentes orais no sudoeste do Paraná*. 1990. 125f. Dissertação (Mestrado em Linguística), UFPR, Curitiba, PR. Disponível em: <<http://dspace.c3sl.ufpr.br/dspace/bitstream/handle/1884/24427/D%20-%20RIBEIRO,%20DENISE%20APARECIDA%20SOFIATI%20DE%20BARROS.pdf?sequence=1>> . Acesso em 6 de fev. de 2013.
- SANTOS, Francisca Luana da Costa; CHAVES, Lindinalva Messias. O processo da monotongação nos falares de Plácido Castro (AC). *Revista Philologus*. Rio de Janeiro: CiFEFiL, Ano 16, nº 46, Supl. p. 100-115, 2010. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/revista/46sup/11.pdf>>. Acesso em 6 de fev. de 2013.
- SILVA, Edila Vianna da. A monotongação de [ej] e [aj] nos falares fluminenses. *Graphos*. João Pessoa: UFPB, v. 2, n.1, p. 43-53, jan.1997.
- SILVA, Fabiana de Souza. *O processo de monotongação em João Pessoa*. In: HORA, Dermeval da. *Estudos Sociolinguísticos: perfil de uma comunidade*. João Pessoa: CNPq/ILAPec/VALPB, 2004. p.29 – 44.
- TOLEDO, Eduardo Elisalde. *A monotongação do ditongo decrescente [ej] em amostra de recontato de Porto Alegre*. 2011. 109f. Dissertação (Mestrado em Linguística), PUCRS, Porto Alegre, RS. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/39409>>. Acesso em 6 de fev. de 2013.
- VEADO, Rosa Maria Assis. Redução de ditongo – uma variável sociolinguística. *Ensaios de Linguística*. Belo Horizonte (MG), ano v, n. 9, p. 209 - 229, dez.1983.

Recebido em 8 de fevereiro de 2013.

Aceito em 13 de abril de 2013.